

Continuidade cinematográfica e inteligência artificial: projetando futuros¹

Márcia Cristina da Silva SOUSA (Márcia BESSA)²
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

Este trabalho lança as bases para um estudo sistemático da continuidade cinematográfica no cenário da inteligência artificial (IA), considerando as possíveis implicações técnicas e criativas suscitadas no cinema por essa nova tecnologia. Ressaltamos que a IA já é uma realidade no meio audiovisual brasileiro e mundial, ocasionando inclusive embates setoriais no campo do trabalho. De um ponto de vista mais amplo, pensamos na valorização do cargo de continuísta dentro da equipe técnica e da indústria cinematográfica e na contribuição para a adaptação da função a essa nova realidade.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; continuidade; produção cinematográfica; novas tecnologias; inteligência artificial.

INTRODUÇÃO

A continuidade se tornou fundamental desde os primeiros passos da arte cinematográfica, refletindo-se, particularmente, no sistema de representação naturalista hollywoodiano – decupagem clássica, interpretação de atores e cenários naturalistas e narratividades estratificadas –, consolidado após 1914 nos Estados Unidos da América e se alastrando rapidamente pelo mundo como um sinônimo do próprio cinema. Esse cinema, efetivamente dominante, o modelo clássico-narrativo, segue ainda hoje povoando a maior parte das salas de exibição comerciais. Ainda que nas últimas duas décadas, Hollywood venha produzindo filmes que não se preocupam tanto com o desenvolvimento de uma continuidade lógica de fatos e de uma narrativa plenamente coerente e inteligível, os padrões tecno-estéticos e os recursos tecnológicos utilizados em prol de uma experiência cinematográfica mais imersiva não renegam totalmente o paradigma clássico, que permanece transmutado em novos e singulares estilos fílmicos e segue influenciando longas-metragens de maneira geral (RODRIGUES JR., 2015). Os conceitos de “continuidade intensificada” – “a continuidade tradicional aumentada, elevada a um nível

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora da Pós-graduação em Direção de TV para teledramaturgia da Casa das Artes de Laranjeiras – CAL, e-mail: bessamarcia4@gmail.com.

maior de ênfase” (BORDWELL, 2006, p. 120) – e de “pós-continuidade” (SHAVIRO, 2016) – que privilegia o imediatismo e a sensorialidade ilimitados –, e seus reflexos formais no *blockbuster* hollywoodiano contemporâneo, reiteram que o cerne do modelo dominante continua presente sobretudo na montagem que respeita a dramaticidade e a causalidade e nos *raccords* centrados nos eixos de ação e olhar.

Como arte tecnológica, o cinema é fortemente influenciado pelos avanços das novas tecnologias digitais. E a inteligência artificial está revolucionando distintos aspectos da indústria cinematográfica, incluindo a área da continuidade. A IA está moldando as perspectivas para o futuro do meio audiovisual. Com grande potencial para transformar o trabalho da continuísta, ferramentas como análise automatizada, correção de imagens e geração de conteúdo vão modificar os domínios da função; aprimorando a precisão e a eficiência do processo de produção e corrigindo erros de continuidade.

Novas tecnologias são frequentemente vistas como ameaças à extinção de cargos de trabalho e, em muitos casos, são mesmo. Porém, a gradativa “automação nas artes criativas inevitavelmente influenciará e afetará a força de trabalho nessas indústrias. A questão se torna como nós, profissionais, aproveitamos a tecnologia da IA em nosso benefício. Apesar dos receios, existem vantagens” (SCHWARTZ, 2023).

A CONTINUÍSTA ENTRA EM CENA

Podemos definir a continuidade apenas como a “técnica responsável pela anotação dos detalhes de cada tomada durante a filmagem, a fim de evitarem-se discrepâncias entre os diversos planos por ocasião da montagem do material”, como dizem Karel Reisz e Gavin Millar (1978, p. 50). Ou como determinado por Antonio Costa (1987, p. 159), para quem a continuidade “tem por função primeira manter uma espécie de ‘diário de bordo’, que contém os detalhes estritamente operacionais da confecção de uma obra cinematográfica”. Ou ainda como sintetizado por Ismail Xavier, ao nos afirmar que seu “[...] objetivo é estabelecer entre as imagens exibidas em dois planos consecutivos uma relação que reproduz a ‘lógica natural dos fatos’ e, no nível da percepção, buscar a neutralização da descontinuidade elementar” (2005, p. 32). Vem também de Xavier a especificação das pontes estabelecidas entre a importância da continuidade e o cinema clássico narrativo hollywoodiano:

[...] o interesse segundo o qual, em cada detalhe, tudo pareça real torna obrigatórios os cuidados ligados à coerência na evolução dos movimentos em sua dimensão puramente física. [...] Todos os objetos e as posições dos vários elementos presentes são rigorosamente observados e anotados para que uma compatibilidade precisa seja mantida dentro da sequência. As entradas e saídas (de quadro) das personagens são reguladas de modo a que haja lógica nos seus movimentos e o espectador possa mentalmente construir uma imagem do espaço da representação em suas coordenadas básicas. As direções de olhares das personagens desenvolvem-se segundo uma aplicação sistemática de regras de coerência. Dentro desta orientação, a decupagem será feita de modo a que os diversos pontos de vista respeitem determinadas regras de equilíbrio e compatibilidade, em termos da denotação de um espaço semelhante ao real, produzindo a impressão de que a ação desenvolveu-se por si mesma e o trabalho da câmera foi apenas captá-la” (2005, p. 32-33).

A filmagem de um roteiro cinematográfico não obedece a ordem lógica e cronológica descrita em sua literatura. O cronograma de trabalho privilegia especificidades de produção, tais como otimização de tempo e redução de custos em seu estabelecimento. Os diversos planos – elaborados pelo diretor na decupagem técnica³ – são filmados de acordo com os ditames, restrições e facilidades impostas pelo planejamento do departamento de produção. Na realização fílmica, a filmagem “é o lugar da descontinuidade, da repetição, do erro, da desordem e de tudo aquilo que pode ser dissolvido, transformado ou eliminado na montagem” (XAVIER, 2005, p. 29). Eis aqui o motivo mais claro para precisamos de um profissional que cuide de todos os detalhes da confecção dos planos e da viabilização da edição do material por ocasião da finalização audiovisual.



1. Márcia Bessa, continuísta de Melodrama: o cinema de lágrimas da América Latina, de Nelson Pereira dos Santos
(Fonte: MEIRELLES, 1994).

Partindo das especificidades do cinema dominante, se faz mister o conhecimento e aplicação das regras de continuidade sobretudo para a manutenção da coerência e coesão da narrativa fílmica. Figura essencial na realização cinematográfica, a continuísta é responsável pela organização prática do material filmado, o que auxilia tanto nos controles de produção como na montagem do produto final. Técnica e estética seguem alinhadas na função que faz parte do departamento de direção e se encarrega de

³ Divisão das cenas do roteiro literário em unidades fílmicas, os planos.

tomar nota de todos os detalhes da encenação. Tudo é anotado e cronometrado rigorosamente.

Ao nível da narrativa clássica, a continuidade garante que toda a desordem produzida na realização dos planos possa ter como resultado um conjunto racional e fluente das imagens e sons projetado nas telas. Do ponto de vista operacional, a continuísta⁴ também é responsável pelo “inventário do próprio *set* de filmagem” (SOUSA, 2000). É graças a esse “trabalho que se pode saber em que fase da produção se está em relação ao roteiro, os tempos cronometrados pelas filmagens realizadas, as características exatas das cenas rodadas [...], ou seja, todas as informações que são indispensáveis ao diretor”, ao diretor de fotografia, ao diretor de arte, ao montador, ao produtor e aos atores (COSTA, 1987, p. 159-160).

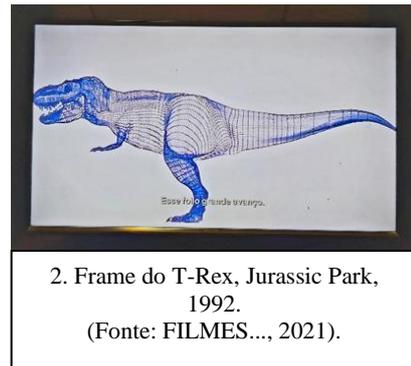
Algumas das reiteradas associações entre memória e continuidade – explicitadas pela continuísta e diretora mexicana Mariana Gironella, para quem “a continuidade é a memória escrita de um filme” (2012), da continuidade como memória fílmica (ROBERT, 1996) e da expressão “ter uma boa memória” como uma das principais características atribuídas às continuístas –, mostram que a continuidade pode também ser pensada como memória em seus componentes criativos, como uma construção do presente e composta ambigualmente por lembrança e esquecimento. Do termo “memória”, tão caro às tecnologias informacionais, como a capacidade dos computadores para o armazenamento e recuperação de dados, mais uma pertinente relação deve ser estabelecida quando precisamos refletir sobre os possíveis futuros para a continuidade em um cenário cinematográfico redesenhado pela inteligência artificial.

CONTINUIDADE CINEMATOGRAFICA E IA

Segundo Jullier e Marie (2009, p. 216), as tecnologias digitais viabilizaram a transição de um cinema teatral (do quadro-palco) para outro pictórico (do quadro-mutante) e, cenas inteiras passaram a se efetivar através de códigos alfanuméricos, compostas pela sobreposição dos “planos-telas” e por imagens hiper-realistas retocadas indefinidamente. Ingressamos em um caminho sem volta. Esse tipo de plano permite uma

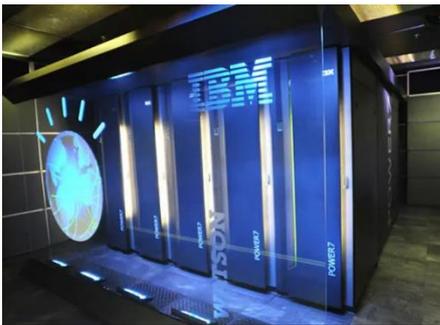
⁴ A continuísta – ou supervisora do roteiro (*script supervisor*, denominação vinda do Reino Unido) – é a pessoa responsável formalmente pela continuidade de um filme ou de qualquer outra obra audiovisual.

ampliação dos limites na composição das cenas. Algo disruptivo e inédito em variados sentidos ocorre com a realização de *Jurassic Park* (1994), a ponto de Steven Spielberg (FILMES, 2021) ser categórico ao afirmar que ali começava o futuro do cinema e seria assim que os filmes aconteceriam dali por diante. Naquele momento, havia muitas dúvidas de que aqueles



“computassauros” pudessem parecer vivos, mas isso não só aconteceu como modificou a forma de se fazer cinema comercial e a própria indústria cinematográfica. Na semana de sua estreia, a película bateu todos os recordes de público e renda, além de inaugurar um filão de obras semelhantes mais à frente.

Duas décadas depois, em uma demonstração pioneira da aplicação de inteligência artificial na indústria cinematográfica, a Fox, em parceria com a IBM, lançou o primeiro



3. Watson/IBM
(Fonte: ADRENALINE, 2016).

trailer de um filme gerado integralmente por um sistema de IA. Empregando o supercomputador Watson, a dupla tecnológica produziu a peça promocional para o *thriller* Morgan (2016), cuja temática central gira em torno da própria inteligência artificial. O processo envolveu a análise minuciosa de todas as cenas do filme pelo Watson, que, por meio de algoritmos de aprendizado de máquina, selecionou os momentos considerados mais

impactantes, baseando-se em cálculos de preferência visual e narrativa. Essa abordagem inovadora já demonstrava o grande potencial da IA como ferramenta criativa na produção audiovisual.

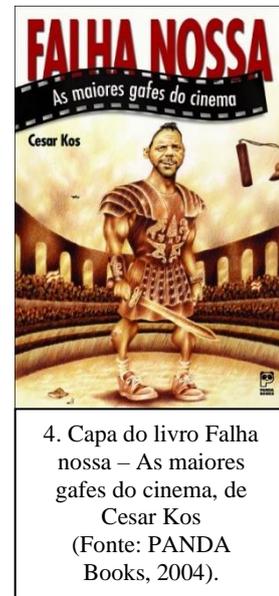
Apesar da atenção recente, a IA está presente em nossos sistemas de computação há décadas. A definição mais simples de IA é a simulação de processos de inteligência humana por sistemas computacionais. Uma pesquisa no Google é uma forma de IA. Toda vez que perguntamos à Alexa sobre o tempo, é IA. Autocorreção e verificação ortográfica também são IA (SCHUWARTZ, 2023).

A inteligência artificial já está sendo usada para criar efeitos visuais cada vez mais realistas, como a remoção de objetos indesejados ou a alteração de elementos de cena para uma melhor adequação à história. A IA pode atuar na análise e detecção de erros de

continuidade através da identificação automatizada. Seus algoritmos vasculham grandes quantidades de material filmado para detectar erros sutis, como mudanças na iluminação, nos objetos de cena ou na posição dos atores. Isso poupa tempo e esforço de continuístas e montadores, que podem se concentrar em outras tarefas. A inteligência artificial pode ser treinada para a verificação de detalhes, identificando pormenores específicos que precisam ser consistentes ao longo de uma cena, como roupas, acessórios, penteados e elementos de cenário. Essa precisão aprimorada garante uma experiência de trabalho mais segura, menos atribulada e à prova de distrações. Nas áreas de correção e aperfeiçoamentos, na manipulação de imagens, as técnicas de IA, como *inpainting*⁵ e *rotoscopia*⁶ podem ser usadas para corrigir erros de continuidade de maneira imperceptível. Se um objeto desaparece entre planos, preenchemos o espaço em branco com imagens semelhantes nos planos adjacentes, por exemplo.

Falhas na continuidade são inerentes ao processo de realização cinematográfica, que prima pela ruptura, desordem e descontinuidade (XAVIER, 2005). Dos mais brandos aos mais explícitos, as suas repercussões no espectador podem ir de um simples estranhamento ao seu completo deslocamento para fora da história. Erros sutis podem passar despercebidos, mas o somatório deles, inconsciente ou conscientemente, podem causar um estranhamento na audiência e ir aos poucos distanciando-a da narrativa fílmica, sublinhando toda a construção ali envolvida e fazendo-a questionar a qualidade do filme. As grandes falhas podem prejudicar até mesmo a compreensão e coesão da obra, dando a nítida impressão de que saltam da tela para a plateia.

Há anos nos deparamos com uma verdadeira obsessão pela caça ao erro de continuidade, da qual o livro “Falha nossa: as maiores gafes do cinema” (2004) e o site da internet *Movie Mistakes* (2021) são apenas dois exemplos desse fenômeno. Buscar essas falhas nos filmes e denunciar os bastidores das produções cinematográficas podem ter, a um só tempo, naturalizado as descontinuidades e preparado o grande público para receber espontaneamente as intervenções da IA no cinema.



⁵ Essa técnica permite preencher áreas danificadas ou faltantes em uma imagem com conteúdo gerado por IA, como remover objetos indesejados ou corrigir falhas na textura.

⁶ A roscopia assistida por IA facilita a criação de máscaras precisas para isolar elementos específicos em uma imagem, permitindo a manipulação e a correção de erros de forma mais eficiente.

Já existem *softwares* no mercado audiovisual que auxiliam o trabalho mais burocrático da continuidade, como iCinelog e Scriptation⁷. O Scriptation foi fundado em 2013 por Steven Vitolo, que na época trabalhava como supervisor de roteiro em uma série de televisão. O aplicativo tem passado por diversas atualizações e melhorias desde então. *Softwares* que reproduzem claquetes também estão disponíveis para *download* e alguns deles poder ser utilizados gratuitamente, como por exemplo o Movieslate e o Takeone (IOS) e o Clapperboard (*Androids*).

Para correções de erros de continuidade nos setores de cenografia e objetos de cena e fotografia e iluminação, as contribuições da IA são inegáveis. Se em uma cena de perseguição de carros, um espelho retrovisor cai em um *take*, completamos o espaço onde o espelho estava com imagens do *take* anterior. Se a iluminação muda drasticamente entre planos de uma mesma cena, ajustamos a luminosidade para criar uma transição suave e natural. Se um personagem troca de roupa entre cenas, verificamos se as peças de vestuário e acessórios estão corretas e consistentes com as cenas anteriores. A IA pode trazer variados benefícios concretos para a continuidade, tais como: 1) maior eficiência, através da automatização de tarefas repetitivas, liberando tempo para as continuístas se concentrarem em aspectos mais complexos e criativos; 2) maior precisão, por meio da identificação de erros sutis que passariam despercebidos pelo olho humano; 3) novas possibilidades criativas, abrindo portas para novas formas de contar histórias e de criar efeitos visuais, exigindo ainda mais criatividade e conhecimento técnico das continuístas.

É importante salientar que a inteligência artificial é uma ferramenta para auxiliar os profissionais de continuidade e não para substituí-los. Ela tem potencial de transformar a função, tornando-a mais eficiente, precisa e criativa. Mas seu uso deve ser responsável, transparente e ético. É uma possibilidade de crescimento, ou melhor, são várias. É essencial que as continuístas se adaptem a essa nova realidade, aprendendo a usar as ferramentas de IA de forma eficaz e aprimorando suas habilidades em áreas como: 1) curadoria e seleção de dados, na capacidade de identificar e preparar dados de alta qualidade para treinar modelos; 2) análise e interpretação de resultados, na compreensão das respostas desses dados e na eficácia em aplicá-los de forma criativa; 3) comunicação e colaboração, na habilidade de diálogo efetivo com outros profissionais, incluindo cineastas, editores e artistas de efeitos visuais, para integrar a IA no processo de produção

⁷ Site oficial do Scriptation: <https://scriptation.com/>.

como um todo. A criatividade humana, a visão artística e o conhecimento técnico das continuístas são essenciais para garantir a qualidade da experiência cinematográfica e a coerência da narrativa fílmica e devem permanecer no centro desse processo.

Um *prompt*⁸ alimentado por IA é um mecanismo de busca algorítmico, superalimentado para vasculhar a mente digital coletiva da sociedade e cuspir uma imagem ou texto a partir de palavras-chave que solicitamos à ferramenta para pesquisar. Este também é um processo derivado que ainda requer nossa participação” (SCHWARTZ, 2023).

No futuro, a IA gerará imagens e vídeos realistas que se encaixem perfeitamente na continuidade de um filme. Isso abrirá possibilidades inovadoras para a criação de cenas complexas ou para a recriação de momentos históricos sem a necessidade de filmagens extras. Já há algumas ferramentas e *softwares* de inteligência artificial emergindo e que podem auxiliar continuístas em suas tarefas. Com modelos de IA generativa como Midjourney (5) e DALL-E 2, visualizamos ideias, exploramos possibilidades e geramos imagens rápida e eficientemente. Outro programa de IA importante é o ChatGPT, que interage com o usuário em formato oral e comunicativo.

MODELOS DE IA GENERATIVA

MIDJOURNEY (5) E DALL-E 2 (OPENAI): visualização de ideias, exploração de possibilidades e geração de imagens.	ADOBE SENSEI: integrado aos <i>softwares</i> da Adobe, o Sensei oferece uma série de ferramentas de IA para edição de vídeo, como remoção de objetos, correção de cor e análise de cenas.
GEN-3 ALPHA (RUNWAY): substituição ou inserção de objetos na imagem; inclusão de texto e alteração de cores.	SYNTHESIA: ferramenta especializada na criação de vídeos com avatares realistas, permitindo a geração de obras personalizadas em grande escala.
LUMA AI: ferramenta para remover objetos indesejados de vídeos.	

5. *Softwares* atuais (Fonte: GEMINI/Google, 2024).

A Generative Visual Effects: *Gen-3 Alpha* tem como *slogan* a frase de impacto “Gere tudo que imaginar” e promete viabilizar desde “simulações físicas complexas a renderizações hiper-realistas, nossas ferramentas permitem que você gere ativos prontos para sua produção com velocidade, controle e fidelidade” (RUNWAY, 2024). Sabemos

⁸ É uma frase ou conjunto de palavras que serve para iniciar uma ação ou interação com um sistema, seja um computador, um programa de *software* ou até mesmo um humano.

que a área de IA para o cinema está em rápido desenvolvimento, mas nem todos os programas estão completamente prontos para o uso profissional. Por isso, precisamos acompanhar de perto empresas de tecnologia que desenvolvem soluções de IA para a indústria audiovisual, tais como a Machine Box, a Moviebot e a Deepasha. Citamos também as *startups*: Deep voodoo, Deepdub, Dgene, MARZ, Metaphysic, Neosapience, Papercut, Respeecher e Runway. Mas a inteligência artificial em si ainda é considerada uma ferramenta experimental. E antes de adotar qualquer *software*, é recomendável avaliar suas funcionalidades, facilidade de uso, integração com o nosso fluxo de trabalho e, se possível, realizar testes em projetos piloto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora existam muitos desafios a serem superados, as oportunidades para o futuro da continuidade são vastas. Ao abraçar as novas tecnologias e desenvolver novas habilidades, as continuístas poderão desempenhar um papel ainda mais crucial na confecção de filmes de alta qualidade. As previsões para os próximos anos indicam uma profunda integração da IA nas rotinas dessas profissionais, prometendo remodelar a função na automação de tarefas repetitivas como a detecção automática de falhas e a geração instantânea de relatórios; na criação de conteúdo personalizado e na simulação de cenários; na realidade virtual e aumentada, na pré-visualização de cenas e na colaboração entre equipes de diferentes locais; na inteligência emocional artificial, para a análise de expressões faciais e a personalização da experiência do espectador. O papel da continuísta deverá necessariamente envolver um bom conhecimento das ferramentas de IA e como utilizá-las de forma eficaz. As profissionais de continuidade precisarão se adaptar rapidamente às novas tecnologias e adquirir novas habilidades. Deverão se tornar espécies de curadoras de conteúdo, garantindo ainda mais a coerência e coesão narrativas.

Com base nas tendências atuais e nas potencialidades da inteligência artificial, ao combinar suas habilidades tradicionais com essa nova ferramenta, as continuístas podem se tornar profissionais mais valiosas para a indústria cinematográfica. O futuro da continuidade cinematográfica será moldado pela colaboração entre a criatividade humana e o poder da IA. O cinema está cada vez mais ligado a essa nova ferramenta. É possível que, em breve, a inteligência artificial seja utilizada em todas as etapas da realização fílmica, desde a criação do roteiro até a distribuição da obra audiovisual. Segundo

levantamentos realizados pela Gemini/Google (2024), 50% (cinquenta por cento) de todo o esforço de produção do vencedor do Oscar do ano de 2023, Oppenheimer, de Christopher Nolan, foi feito usando a IA.

Se por um lado, as novas tecnologias digitais democratizaram a produção cinematográfica, tornando-a mais simples e acessível; em outro sentido, a adoção generalizada de IA no audiovisual poderá acarretar a perda de empregos e o aumento do poder da indústria dominante. É fundamental que nos envolvamos nas discussões sobre o desenvolvimento e a implementação responsáveis da inteligência artificial para garantir que seus avanços beneficiem tanto os criadores como os espectadores.

Embora às vezes sintamos que nosso processo criativo está sendo reduzido à geração de *prompts* e à automatização de tarefas, a verdade é que precisamos descobrir a melhor maneira de colaborar com esses *softwares* e, nesse caso, as perguntas são mais importantes do que as respostas. “Talvez o futuro da arte esteja mais no processo de exploração e na geração de ideias novas e inovadoras do que em um resultado final ou na busca de uma conquista técnica” (MILLÁN, 2023). É tudo muito novo e ainda não há nada definido. Um horizonte de possibilidades se apresenta a nossa frente. Mas inteligência artificial nunca poderá substituir “a capacidade humana de criatividade, experiência e, bem, de ser humano” (WHITTENBERG, 2023). Finalmente, a IA já é uma realidade. Devemos nos adaptar a ela ou ficaremos para trás.

REFERÊNCIAS

- BESSA, M. [Márcia C. S. Sousa]. Continuidade e cinema. **Monografia de graduação** (Bacharelado em Cinema & Vídeo), Curso de Comunicação Social – IACS/UFF, Niterói/RJ, 2000.
- BORDWELL, D. **The way Hollywood tells it: story and style in modern movies**. Los Angeles: University of California Press, 2006.
- COSTA, A. **Compreender o cinema**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1987.
- FILMES que marcam época (série documental). Direção: Brian Volk-Weiss. Estados Unidos da América, **Netflix** (Streaming), 2021.
- GEMINI, Google AI. (n.d.). **Gemini**. [Página da Web]. <https://ai.google/>, 2024.
- GIRONELLA, M. Clase Magistral sobre Continuidad Cinematográfica, 25/06/2012. **APENDERCINE.com**. <https://aprendercine.com/continuidad-cinematografica-clase-magistral/>. Acesso em: 14 fev. 2020.
- JULLIER, L.; MARRIE, M. **Lendo as imagens do cinema**. São Paulo: Editora SENAC, 2009.

JURASSIC PARK. Direção: Steven Spielberg. Produção: Gerald R. Molen; Kathleen Kennedy. Estados Unidos da América, **Universal Pictures**, 1993. 1 DVD.

KAUFMAN, D. **Desmistificando a inteligência artificial**. Minas Gerais, BH: Autêntica, 2022.

KOS, C. **Falha nossa**: as maiores gafes do cinema. São Paulo: Panda Books, 2004.

LEE, K-F. **Inteligência artificial**. Rio de Janeiro: Globo livros, 2019.

MILLÁN, S. Should we use artificial intelligence in production design? **Production designers collective**, 01/04/2023. Disponível em: <https://www.productiondesignerscollective.org/pdcforum/should-we-use-artificial-intelligence-in-production-design%3F>. Acesso em: 23 Jun. 2024.

MORGAN (2016). Official trailer [HD], 20th Century Fox. **YouTube** vídeos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rqmHSR0bFU8>. Acesso em 26 Ago. 2024.

MOVIEMISTAKES.COM (Best movie mistakes of all time), **Site da web**. Jon Sandys. Disponível em: <https://www.moviemistakes.com/best>. Acesso em: 12 jan. 2022.

REIZ, K; MILLAR, G. **A técnica da montagem cinematográfica**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.

RODRIGUES JR., R. Pós-modernidade e o cinema de pós-continuidade. **Revista Arte Contexto**, v. 3, n. 8, nov., 2015. Disponível em: http://artcontexto.com.br/artigo-edicao08_radaelrezende.html. Acesso em: 20 Mai. 2022.

ROBERT, F. W. ZOOM – TV Cultura. Continuidade no cinema, 1996. Arte e Cultura – **Zoom**. Disponível em: <https://youtu.be/JiIINka1liI>. Acesso em: 14 fev. 2020.

RUNWAY, Gen-3 Alpha. Tools for human imagination. **Runway**. Disponível em: <https://runwayml.com/product>. Acesso em: 26 Ago. 2024.

SCHWARTZ, A. Should we use artificial intelligence in production design? **Production designers collective**, 01/04/2023. Disponível em: <https://www.productiondesignerscollective.org/pdcforum/should-we-use-artificial-intelligence-in-production-design%3F>. Acesso em: 23 Jun. 2024.

SHAVIRO, S. Post-continuity: an introduction. In: DENSON, Shane; LEYDA, Julia. **Post-Cinema**: Theorizing 21st-Century Film. Falmer, UK: Reframe Books, 2016. Disponível em: <https://reframe.sussex.ac.uk/post-cinema/1-2-shaviro/>. Acesso em: 17 mai. 2022.

SOUSA, Márcia C. S. (Márcia Bessa). A máquina para sintetizar imagens: montagem cinematográfica ou edição de filmes. **Dissertação** de Mestrado em Ciência da Arte. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte, IACS, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói/RJ, 2006.

_____. Continuidade e cinema. **Monografia** de Graduação em Comunicação Social – habilitação Cinema e Vídeo, IACS, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói/RJ, 2000.

WHITTENBERG, A. Should we use artificial intelligence in production design? **Production designers collective**, 01/04/2023. Disponível em: <https://www.productiondesignerscollective.org/pdcforum/should-we-use-artificial-intelligence-in-production-design%3F>. Acesso em: 23 Jun. 2024.

XAVIER, I. **O discurso cinematográfico**: a opacidade e a transparência. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

a. Ilustrações

ADRENALINE. Filme Morgan ganha trailer feito integralmente por Inteligência Artificial IBM Watson. Site **Adrenaline**, 02/09/20216. Disponível em: <https://www.adrenaline.com.br/noticias/filme-morgan-ganha-trailer-feito-integralmente-por-inteligencia-artificial-ibm-watson/>. Acesso em: 26 Ago. 2024.

FILMES que marcaram época (série documental). Frame do T-Rex sendo criado em computação gráfica para Jurassic Park, 1992. Direção: Brian Volk-Weiss. Estados Unidos da América, **Netflix** (Streaming), 2021.

GEMINI, Google AI. (n.d.). Modelos de Ia generativa: *softwares* atuais. **Gemini**. [Página da Web]. <https://ai.google/>, 2024.

MEIRELLES, P. Márcia Bessa, continuísta de Melodrama: o cinema de lágrimas da América Latina, de Nelson Pereira dos Santos, **BFI/Objetiva**, 1994.

PANDA Books Ed. Capa do livro **Falha nossa** – As maiores gafes do cinema, de Cesar Kos. São Paulo: 2004.